

## **Gênero na Biblioteconomia: Região Centro- Oeste (1962-2018)**

Esdra Basilio,  
Universidade Federal de Goiás  
basilioesdra@ufg.br

Este artigo é proveniente do projeto de pesquisa que pretendo desenvolver, no curso de doutoramento, objetiva-se problematizar e refletir acerca do papel feminino na profissão de biblioteconomia, sob a perspectiva de gênero, a partir das instituições de ensino superior públicas, localizadas na região Centro – Oeste : Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)<sup>1</sup>, dentre o período compreendido entre os anos de 1962 à 2018.

Em 1962 surgiu o curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília. Dessa forma, o limite do recorte até 2018 foi o escolhido para compreendermos as mudanças e a permanência da profissão até a atualidade. Sob essa perspectiva, será detido o olhar sobre o surgimento da profissão no Brasil, dos cursos de graduação em biblioteconomia, bem como sobre as bibliotecas centrais das universidades (UFG, UNB e UFMT).

Por consequência, nesta pesquisa, pretendemos traçar o perfil da profissional bibliotecária da região Centro – Oeste, uma vez que de acordo com Pires e Dumont (2016, p.158)" O campo da Biblioteconomia pode ser ligado às noções de cuidado e organização, características muitas vezes relacionadas ao "feminino". Além disso, questionaremos sobre o desenvolvimento das carreiras e das profissões femininas, discorrendo sobre a Biblioteconomia sob o contexto de seu surgimento como profissão eminentemente masculina, constituída por monges, bibliófilos, biógrafos, possuidores de grandes erudições.

### **Biblioteconomia no Brasil**

A Biblioteconomia, como área do conhecimento, passou a existir no Brasil, a partir de 1911, quando Manuel Cícero Peregrino da Silva, então diretor da Biblioteca Nacional, conseguiu oficializar

---

<sup>1</sup>A partir de agora utilizaremos as siglas das instituições para nos reportarmos a elas. Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Nacional de Brasília (UNB), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

## **ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, sendo o primeiro da América do Sul e o terceiro no mundo. Esse curso começou a funcionar somente em 1915-1949, na própria Biblioteca Nacional. Posteriormente, em 1969 foi transferido para Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). Os alunos eram ilustres personalidades, tais como: escritores, historiadores, literatos e pessoas cultas em geral. Assim sendo, utilizaremos como fonte de pesquisa os Anais da Biblioteca Nacional referentes à criação do curso de Biblioteconomia dos anos de 1916 a 1949. Deste modo, teremos um panorama sobre a história da biblioteconomia, a partir do primeiro curso implantado no país.

### **IMAGEM 1-** Mesa de abertura do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil



Fonte: Autoria desconhecida (10 de abril de 1915)

Desse modo, temos ainda o objetivo de investigar a perspectiva de gênero na Biblioteconomia através da percepção das (os) bibliotecárias (os) atuantes nas bibliotecas universitárias das instituições (UNB, UFG e UFMT). Para tanto, vamos realizar por meio de entrevistas semi – estruturadas, em conjunto com o método da história oral, pois buscaremos conhecer um evento específico que faz parte da realidade profissional dos sujeitos da pesquisa, o qual se insere

na linha de estudos da história oral temática<sup>2</sup>. Pollak (1989, p. 4) afirma que a metodologia da história oral permite o conhecimento de uma realidade social através da narrativa de histórias que condensam determinados significados sobre o passado, resultado da interação do entrevistado com a pesquisadora. Dessa forma, buscaremos analisar e complexificar historicamente como se deu o processo de feminização<sup>3</sup> da profissão de biblioteconomia.

A profissão bibliotecária nasceu como uma profissão masculina. A aproximação da área com a Educação, o aumento da tecnicidade aliados à divisão sexual do trabalho, tão presente nas relações sociais que destina espaços para homens e mulheres, acabaram por fazer com que a profissão se constituísse, ao longo do tempo, como sendo uma profissão feminina. (PIRES,DUMONT,2016,p.168)

No Brasil, a inserção e predominância das mulheres na área ocorreram nas primeiras décadas do século XX, com a inclusão das mesmas nos cursos superiores de Biblioteconomia. Para compreendermos melhor a área da Biblioteconomia, torna-se imprescindível conhecer a trajetória da profissão no Brasil por meio dos fatores que nortearam a inserção das mulheres nos cursos de ensino superior, no ambiente de trabalho e ainda questionando quais são os mecanismos que possibilitam a perpetuação da desigualdade de gênero privilegiando o trabalho masculino. Para Scott (1995.p.73), o estudo sob a perspectiva de gênero “implica necessariamente na redefinição e no alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto às atividades públicas e políticas”.

Além disso, Scott (1995.p.14) ressalta que as diferenças de gênero são estabelecidas culturalmente e não primordialmente de modo biológico. Diante disso, questionaremos ao longo da pesquisa se a representação e a (auto) representação dos sujeitos que exercem a profissão de biblioteconomia influi diretamente na desvalorização da profissão, levando-se em consideração a sua baixa visibilidade perante a sociedade.

A biblioteconomia foi elevada como profissão de nível superior no Brasil em 1962. Entretanto, a biblioteconomia é uma profissão que surgiu em tempos remotos por volta do século VII com o aparecimento das Bibliotecas na antiguidade. Assim sendo, é a área mais antiga que trabalha

---

<sup>2</sup>A história oral temática é uma linha da história oral que busca analisar um determinado evento ou situação a ser esclarecido segundo o estabelecimento de questionários ou entrevistas orientadas para fins específicos. (SILVA, 1998).

<sup>3</sup> O termo Feminilização está sendo usado com o sentido de destacar o quantitativo relativo ao aumento do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação, no mercado de trabalho; conforme a compreensão de **Silvia Cristina Yannoulas**, nos seus estudos. YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília, DF, v. 11, n. 22, p. 271-292, jul./dez., 2011.

com a organização de informações, documentos, livros. Esse campo de atividade era exercida apenas por homens bibliotecários. No Brasil, os jesuítas foram os primeiros homens a exercerem a função de bibliotecário no País. Para Suaiden (1980), a presença masculina na Biblioteconomia provinha do nível de conhecimento exigido para o exercício desse cargo.

### **Gênero na Biblioteconomia**

Ao problematizarmos a história da biblioteconomia sobre a ótica dos estudos de gênero, teremos um entendimento maior sobre as permanências da dominação masculina, mesmo em espaços ocupados prevalentemente por mulheres, como é a profissão de biblioteconomia. Para Ferreira (2003,p.198) “A construção de uma nova identidade para a biblioteconomia é para os/as bibliotecários(as), portanto, está na busca do reequilíbrio entre as origens da profissão e sua ação política”. Sob tal perspectiva, a pesquisa visa discutir o cenário da biblioteconomia brasileira, investigando como a construção da profissão foi feminizada ao longo da história, além de também investigar quais são os mecanismos hierárquicos presentes na construção da imagem das bibliotecárias, bem como as suas diferenças existentes na profissão quando é exercida por um homem e por uma mulher. Sobre o tema, Yannoulas (2011) esclarece:

Historicamente, a delimitação e o exercício das profissões estão sexualmente marcados. O mercado de trabalho esta segmentado em dois sentidos: horizontal (poucas profissões e ocupações absorvem a maioria das trabalhadoras) e vertical (poucas mulheres ocupam altos cargos, ainda que se considerem setores de atividade com preponderante participação feminina como a educação, a saúde, o serviço social etc.). Em todas as culturas, realiza-se uma interpretação bipolar (feminino- masculino) e hierárquica (o masculino mais valorizado que o feminino) das relações entre homens e mulheres. (YANNOULAS, 2011, p.284).

Nessa perspectiva, exploraremos os sentidos da profissão biblioteconomia como sendo feminina em grande parcela nas bibliotecas universitárias brasileiras, assim como essas representações figuram no imaginário social. Para Pesavento (2005, p.41): “A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade”. Sob esse viés, acreditamos que as representações da profissional bibliotecária são marcadas por estereótipos. Para Scott (2012, p.337) “gênero nos lembra que não há representação inequívoca das mulheres, que isto sempre é uma questão de política”.

## **ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

A vista disso, o fato das mulheres desempenharem predominantemente a função de bibliotecária, carrega significados que implicam diretamente no prestígio que a profissão tem na construção do imaginário social que permeia a sociedade. No campo da biblioteconomia, homens também exercem a profissão, todavia, é pequena a parcela de bibliotecários atuantes no Brasil. Segundo Pires e Dumond (2016, p.165), o número de bibliotecários vem aumentando a partir do ano 2000. Observou-se que o número de graduados do sexo masculino começou a crescer por conta da ampliação do número de vagas em alguns departamentos de Biblioteconomia no período noturno, como, por exemplo, ocorre no Departamento de Ciência e Informação/UNB. Segundo Olinto (1997, p.7): “Para se distanciar do estereótipo feminino, os homens procuram se destacar das mulheres mostrando, desde o início da carreira, o seu interesse por tarefas administrativas e se afastando de tarefas técnicas”.

Cabe ainda ressaltar que o homem na profissão de bibliotecário mesmo sendo minoria nos ambientes de biblioteca, se posiciona de modo a se sobressair galgando cargos de diretor da biblioteca e coordenador de seção. Nesse trilhar, Bourdieu (2010), em um estudo sobre a dominação masculina, destaca que as atividades quando executadas por homens são reconhecidas, valorizadas e consideradas nobres. Porém, as mesmas atividades quando exercidas por mulheres são tidas como inferiores, insignificantes e imperceptíveis. Como já dito, objetiva-se ainda revisar os papéis masculinos e femininos através da categoria gênero, com o escopo de redimensionar o papel da bibliotecária, de modo a ser vista como sujeito protagonista da sua história na profissão.

Desse modo, ao explorar os cursos de biblioteconomia ministrados nas instituições de ensino superior e também analisando as bibliotecas centrais de cada universidade, tais como: (UFG), (UNB) e (UFMT), proporcionará um panorama sobre as construções sociais que permeiam a profissão de bibliotecária, bem como auxiliará a desvendar quais são os mecanismos de discriminação utilizados na manutenção das representações e (auto) representações da bibliotecária.

Para tanto, será traçado o perfil da bibliotecária a partir da análise das três instituições de ensino superior (UFG, UNB e UFMT). Para tal tarefa, será privilegiado em nossa análise histórica a categoria “gênero”. Além disso, compreende-se que esta pesquisa se justifica pela necessidade de se pensar no gênero como categoria relevante na Biblioteconomia, uma vez que esta profissão é exercida predominantemente por mulheres. Para Martucci (1996), a raiz da feminização da biblioteconomia surgiu no século XIX. Para a autora, esse fenômeno deve ser historicizado sob a ótica de gênero de forma inter-relacionada. Outro fator a ser analisado em especial, será o aumento de homens que têm

ingressado nessa profissão nos últimos anos e o impacto ocasionado na atuação e no mercado de trabalho desses profissionais.

Por conseguinte, pretende-se descortinar as formas de construção cultural das referências identitárias que configuram a profissão de bibliotecária, através da categoria de gênero. Rago (1998, p.16) elucida que: “cada vez mais, crescem os estudos sobre as relações de gênero, sobre as mulheres, em particular, ao mesmo tempo em que se constitui uma nova área de estudos sobre os homens, não mais percebidos enquanto sujeitos universais”. Nesse sentido, para esta pesquisa nos propomos a construir através da historicização da profissão de biblioteconomia uma nova possibilidade interpretativa sobre o discurso e a prática da profissão. Nossa principal conjectura será analisar se a profissão de biblioteconomia se constituiu no Brasil de forma feminizada assim como o magistério, onde o ofício de ensinar era uma extensão do lar e dos cuidados com os filhos e marido. Lado outro, segundo Ganz (1994.p.38), apesar do magistério ser uma profissão feminina, os cargos de chefia, planejamento e organização eram ocupados pelos profissionais do sexo masculino.

De igual forma, no campo da biblioteconomia também ocorre esse processo. Os cargos de chefia, gestão e coordenação são geralmente ocupados por homens. Dessa forma, a biblioteconomia assim como no magistério primário, a partir do final do século XIX, o curso acadêmico representava uma via de acesso profissional respeitável à mulher. Partimos do pressuposto que há interferências de gênero na profissão, entretanto, na maioria das vezes, não é percebida pelas bibliotecárias. A relação entre bibliotecários e bibliotecárias é estabelecida pela relação de um poder simbólico, pois nas bibliotecas que existem bibliotecários, mesmo sendo minoria no quadro de funcionários, geralmente exercem cargos de coordenadores, diretores, ou seja, ocorre uma divisão do trabalho.

Para Bourdieu (2010, p.150) “o poder simbólico constitui uma força relativamente autônoma perante as outras formas de força social”. Entretanto, é através do poder simbólico que as representações são instituídas e firmadas. Sendo assim, a dominação simbólica acontece pelo consentimento mesmo que de forma inconsciente das bibliotecárias. Desse modo, averiguaremos se existe uma divisão sexual do trabalho na Biblioteconomia como atividades mais apropriadas para mulheres e outras mais direcionadas para os homens, sendo as atividades indicadas para os homens de maior prestígio social.

Outra elucubração é o fato da profissão ser exercida em grande parte por mulheres, interferindo na falta de valorização da profissão, com baixos salários e falta de reconhecimento na sociedade. Todavia, ainda questionaremos como seria se ocorresse o fortalecimento das organizações

representativas da categoria, em conjunto com uma atuação enérgica dos conselhos regionais de biblioteconomia, o qual, por consequência, o cenário seria outro. Além disso, analisaremos se um dos motivos da profissão ser vista como inferiorizada, pouco, ou quase nada valorizada possui relação direta com o fato da profissão ser exercida prioritariamente por mulheres. Tedeschi (2010) enfatiza que:

As contribuições que os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado à historiografia contemporânea são inquestionáveis, pois, além de tirarem as mulheres da invisibilidade no passado, colocam um conjunto de questões-reflexões metodológicas importantes. Por exemplo, as universalidades do discurso historiográfico, que possibilitam o crescimento da história das diferenças e a valorização do relacional na análise. (TEDESCHI, 2010,p.3)

Portanto, analisar a profissão de bibliotecária é uma forma de ação política, na medida em que o espaço de distanciamento temporal não existe. Nessa perspectiva, investigaremos os elementos que constituem a identidade da mulher bibliotecária. A inserção da mulher no espaço público observada principalmente após a Revolução Industrial alterou a configuração da divisão do trabalho. Os papéis que definiam as tarefas desempenhadas pelas mulheres, eram restritas ao universo do lar o âmbito doméstico. Aos homens era reservado o papel de provedor responsável por trabalhar fora de casa e manter a família financeiramente. Nesse sentido, busca-se trazer a reflexão sobre a mão de obra feminina que passa a ser utilizada em grande escala quando a produção industrial começa a expandir em caráter de fábricas, propiciando mudanças na dinâmica do processo de trabalho. Nesse contexto, a mulher passa a desenvolver atividades fora do lar, vendendo sua força de trabalho, contudo, acarretando em uma dupla jornada continuando responsável pelo ambiente doméstico.

Para Holzman (1977.p.17): "O processo de constituição da força de trabalho feminina como mercadoria é marcado desde sua origem por uma depreciação maior do que a força de trabalho masculina". Nesse sentido, uma evidência é em relação ao salário pago as mulheres, os quais sempre foram inferiores aos pagos aos homens. Ressaltamos que essa divisão do trabalho diz respeito a uma parcela da população feminina que precisava trabalhar para sobreviver, mulheres pertencentes a camadas sociais desprovidas de recursos financeiros. Para Perrot (2005, p.251): " Profissões que se inscrevem no prolongamento das funções ditas "naturais", maternais e domésticas das mulheres, além de permitirem que a uma mulher realize bem sua tarefa profissional (menor) e doméstica (maior)". Nessa pesquisa, nos detemos em analisar o grupo de mulheres que tinham a possibilidade de estudar obtendo um nível de escolaridade. Sobre esse viés, a viabilidade de estudar era reservada as mulheres

## ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

que pertenciam às famílias abastadas e tradicionais que permitiam que as mulheres estudassem desde que não interferisse nos aprendizados condizentes para ser uma boa esposa e mãe. Nesse trilhar, o acesso à educação e à formação profissional é limitada a uma minoria de mulheres. Holzman aduz que:

Mesmo nestas circunstâncias é bastante evidente a preservação de uma divisão social do trabalho entre os sexos, com conotações novas, expressas pelo surgimento de categorias ocupacionais essencialmente femininas, tanto entre aquelas decorrentes da diversificação econômica - como datilógrafa, estenógrafas, bibliotecárias, assistentes sociais, fisioterapeutas, operadores de raio x, etc. Como ocupações mais tradicionais, como o ensino e a enfermagem, cuja expansão se deu utilizando largamente o trabalho feminino (HOLZMAN,1977,p.17).

Assim sendo, enfatizamos que as mulheres somente a partir dos séculos XVIII e XIX começaram a ocupar espaços no mercado de trabalho enfrentando discriminação e preconceitos. De acordo com Ferreira (2003): “A entrada das mulheres no curso de Biblioteconomia dá-se no final da década de vinte[...]”. No Brasil, a procura pelos cursos de biblioteconomia pelas mulheres, segundo Ferreira (2003), ocorria por se tratar de um curso de fácil ingresso, por ser ministrado no período matutino e com a duração de três anos. Desse modo, a graduação não atrapalharia as obrigações domésticas das moças estudantes.

Baseando-se nisto, pode-se afirmar que feminino e masculino ocupam locus diferenciados em relação à questão do poder. Nesse contexto naturaliza-se que o domínio do masculino é público e político e nele se estabelecem princípios de força, racionalidade, atividade e objetividade. Já o domínio do feminino é privado, doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade e subjetividade. Tal distinção se acentua com a noção de natureza, em que os homens são tidos como de natureza mais corajosa, mais violenta, mais racional; enquanto as mulheres são consideradas de natureza mais propensas às emoções, ao amor, etc. (MACÊDO, 2003, p. 74).

No estudo realizado pela pesquisadora Maria Cristina Aranha Bruschini (2007), intitulado como “Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos dez anos”, elucida questões sobre a inserção laboral das brasileiras, a partir da última década do século XX, desenhando um perfil das trabalhadoras que apesar de possuírem um trabalho remunerado continuam sendo responsáveis por todas as atividades domésticas e cuidados com os filhos. Bruschini (2007) discorre sobre os campos de atuação das mulheres:

As escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente “femininas”, como educação (81% de mulheres), saúde e bem-estar social (74%), humanidades e artes (65%), que preparam as mulheres para os chamados “guetos” ocupacionais femininas. (BRUSCHINI, 2007, p.549).

Martucci (1996) afirma que no início da profissão no Brasil, apenas moças de boa família dedicavam-se a profissão de biblioteconomia ou a escola normal. Essa regra valia para as moças que pretendiam trabalhar.

### **Considerações finais**

Nesse sentido, as representações contribuem na contemporaneidade para a manutenção das ‘profissões ditas femininas’, estando intimamente ligadas às tarefas de cuidar e zelar. Todavia, continua sendo constituída majoritariamente por mulheres. Acredita-se que para efetivar mudanças nas estruturas das relações sociais tradicionais e, por conseguinte, nas representações das relações de poder entre o masculino e o feminino, torna-se necessário repensar através de uma reflexão sob a ótica dos estudos de gênero.

Nossas fontes se constituem de material textual impresso, material textual digital, anais da Biblioteca Nacional dos anos de 1916 à 1949, fontes estas que tratam da criação do primeiro curso de biblioteconomia no Brasil e a sua duração na Biblioteca Nacional que abrigou o curso até o ano de 1949. Posteriormente, o curso foi transferido para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. As anais estão na plataforma da Biblioteca Nacional Digital Brasil. Além disso, também será realizado entrevistas com as bibliotecárias das instituições pesquisadas, coordenadoras(es) dos cursos de biblioteconomia, diretoras(es) das Bibliotecas Centrais de cada instituição (UFG),(UNB) e (UFMT). Com efeito, será analisado os relatórios referentes à criação dos cursos de graduação, as listas nominativas de alunos ingressos e egressos dos cursos do departamento de biblioteconomia das instituições pesquisadas (UFG), (UNB), (UFMT). Os documentos sobre a criação do curso de

biblioteconomia na UFG, bem como os processos de formatura estão alocadas no Centro de Informação Documentação e Arquivo-CIDARQ. As fontes sobre o curso de biblioteconomia da UNB estão no Arquivo Central da instituição. Por outro lado, já na UFMT os documentos sobre o curso estão armazenados no próprio departamento do curso. Questionaremos o Conselho Regional de Biblioteconomia Região Centro- Oeste, (CRB-I) com o objetivo de acessar os documentos sobre a filiação das profissionais. O seu banco de dados é uma fonte de informação relevante, por meio de análise, pode-se descobrir a quantidade de bibliotecárias (os) atuando nas universidades, bem como a sua idade e faixa etária. Nós teremos acesso às fontes nos dois centros de documentação e na unidade do curso de Biblioteconomia no caso da UFMT. Nas três instituições, foi realizado um contato prévio para se certificar sobre o acesso as fontes durante a pesquisa. Dessa forma, será possível traçar o perfil da profissional bibliotecária. Tais documentos se constituem em um mosaico de informações que contribuirão para o desvelamento de como se estabelecem as relações de gênero na profissão de biblioteconomia, além de identificar quais são os motivos da profissão ser exercida majoritariamente por mulheres nas instituições de ensino superior no Brasil.

## Referências

BIBLIOTECA NACIONAL. **Primeiro curso de biblioteconomia no Brasil completa 100 anos.** Disponível em: <https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/04/primeiro-curso-biblioteconomia-brasil-completa-100> . Acesso em: 02 jul. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** 15. ed. Rio de Janeiro; Berthand Brasil, 2010.

BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, n.4, p.3-4, maio, 1984.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa.** v.37,n.132,p.537-572, set./dez.2007.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação.** Campinas,n.15,maio/ago. 2003.

FERREIRA, Maria Mary. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da (o) bibliotecária(o). **Biblionline.** João Pessoa, n.esp., p.159-167,2010.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura vozes**. Petrópolis, v.94,n.3, p.111-124, maio/jun. 2000.

GANZ, Ana Maria. **Vivências e falas trabalho feminino em Curitiba**.1994.167f. Dissertação. Curso de pós – graduação em História, setor de ciências humanas, letras e artes. Universidade Federal do Paraná,1994.

HOLZMAN, Lorena Silva. **Mulher e trabalho estrutura ocupacional feminina no Rio Grande do Sul 1920-1970**.1977.Dissertação. Curso de pós-graduação em sociologia e ciência política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1977.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissão do magistério e da biblioteconomia uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1,n.2, p.225-244,jul./dez.1996.

MACÊDO,Goiacira Nascimento Segurado. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional**. Goiânia,GO.2003. Disponível em:<[http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira\\_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf](http://www.ucg.br/ucg/katiamacedo/dissertacoes/pdf/Goiacira_ConstrucaoRelacaoGeneroHomemMulher.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2012.

OLINTO,G. Biblioteconomia e profissões femininas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO,18.,1997. São Luís. **Anais...** São Luís,1997.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**. Campinas, n.15,maio/ago., 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Editora Autêntica, Belo Horizonte. 2003.

PERROT,Michelle. **Minha história das mulheres**. Editora Contexto, São Paulo.2013.

PIRES,Hugo Avelar Cardoso;DUMONT,Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. **Cadernos BAD**, 2016,n. 1, jan-jun,p.157-171.

POLLAK,Michael. Memória e esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro,RJ,v.2,n.3,p.3-15,1989.Disponível em:  
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/276>>.Acesso em:26 nov.2012.

RAGO,Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história.  
In:PEDRO,Joana;GROSSI,Miriam(org.).**Masculino,feminina,plural**.Florianópolis:editora Mulheres,1998.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

SCOTT,Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Mulher e realidade: mulher educação**. Porto Alegre: Vozes, v.16,n.2,jun/dez,1995

SCOTT Joana. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. São Paulo, n.45,p.327-351,dez.2012.

SUAIDEN, Emir José. **Biblioteca pública brasileira**: desempenho e perspectivas. São Paulo: Lisa, Brasília, DF: INL, 1980. 82p.

TEDESCHI,Losandro Antônio. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas no Brasil: uma ferramenta necessária. **Anuário de Hojas de Warmi**. n.15,2010.Disponível em:<<http://docplayer.com.br/19121685-O-uso-da-categoria-genero-na-historia-das-mulheres-camponesas-no-brasil-uma-ferramenta-necessaria.html>>.Acesso em 11 ago. 2018.

YANNOULAS,Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, n.22, p.271-292,jul./dez.2011.